UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
MADALENA MONTE

A INFLUÊNCIA DAS SAÍDAS DE CAMPO PARA A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA

RIO GRANDE

NOVEMBRO 2014

MADALENA MONTE

A INFLUÊNCIA DAS SAÍDAS DE CAMPO PARA A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA

Trabalho apresentado como requisito para aprovação na disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Orientador Prof. Dr. Claudio Renato Moraes da Silva

RIO GRANDE

NOVEMBRO 2014

M772 Monte, M. Madalena L.

A Influência das Saídas de Campo para o Estudante de Biblioteconomia - Maria Madalena L. Monte – Rio Grande, RS, 2014.

47f. : il. Color.

Orientador: Prof. Claudio Renato Moraes da Silva
Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação.

1. Biblioteconomia. 2. Saídas de Campo. 3.Processo de Aprendizagem 4. Formação Profissional. I. Monte, M. Madalena L. II. Universidade Federal do Rio Grande. III Título.

Maria Conceição L. Hohmann – CRB – 10/745.

MADALENA MONTE

A INFLUÊNCIA DAS SAÍDAS DE CAMPO PARA A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA

Trabalho apresentado como requisito para aprovação na disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Rio Grande, 17 de novembro de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Renato Moraes da Silva
ORIENTADOR
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof.ª Dra. Renata Braz
Universidade Federal do Rio Grande- FURG

Prof.ª Magali Aquino
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por todas as oportunidades que ele colocou no meu caminho, principalmente a de fazer um curso lindo, em uma Universidade maravilhosa como esta.

Agradeço e dedico à minha mãe, pois sem esta, nada teria acontecido.

Agradeço aos meus filhos amados, por estarem sempre ao meu lado nos momentos bons e ruins de nossa vida.

Agradeço e ofereço ao meu querido marido que com certeza, no lugar em que encontra, está muito feliz com o cumprimento dessa etapa gratificante de minha vida.

Agradeço a todos os professores que me auxiliaram na busca pelo conhecimento.

Agradeço aos colegas que muitas vezes me apoiaram em momentos críticos dessa jornada acadêmica.

Agradeço às bibliotecárias Rúbia, Marilene e Conceição, que muitas vezes tiraram minhas dúvidas nos estágios na biblioteca central e setorial da saúde da Furg.

Agradeço finalmente, mas nunca por último, especialmente ao meu excelente orientador Prof. Dr. Claudio Renato Moraes, por sua dedicação e conselhos prestados.

“Toda a biblioteca é permanentemente perigosa e, embora esteja sempre atrelada a agentes reprodutores da ideologia do Estado, é o espaço que mais pode subverter a produção cultural. É uma bomba relógio que pode explodir a qualquer momento, pois contém o elemento básico para a ação do indivíduo – a informação. Ao ordenar os registros do conhecimento humano, a biblioteca reúne discursos contraditórios e assim se torna uma fonte de conflitos, um ninho de desordem. Explode o dogmatismo de um conhecimento único muito próximo à fé e à verdade absoluta. Passa a incomodar as pessoas com o demônio das possibilidades múltiplas.”

Luis Augusto Milanesi

RESUMO

Chegamos a um tempo onde a concorrência profissional é tanta que, as pessoas tem que estarem sempre em busca do aperfeiçoamento e da atualização da área profissional escolhida. Em razão disso, quanto mais completo for o ensino que a instituição à qual cursa oferecer, melhores serão as chances da pessoa recém-formada para conquistar o seu espaço profissional. Assim a união do teórico e do tecnológico, por si só, já não basta, é onde a necessidade do conhecimento empírico se faz presente. Sob esse ponto de vista, esse trabalho busca expressar os benefícios que as Saídas de Campo durante o curso, podem fazer pelo egresso do curso de Biblioteconomia, o quanto é enriquecedor o ensino-aprendizagem também fora dos muros da instituição de ensino, no momento em que este for se lançar ao campo de trabalho.

Palavras–chaves: Biblioteconomia, Saídas de Campo, Processo de Aprendizagem, Formação Profissional.

RESUMEN

Hemos llegado a un momento en el que la competencia profesional es tal, que las personas tienen que estar siempre en busca de la perfección y modernización de la zona de trabajo elegido. Por esta razón, la educación más completa que la institución que evoluciona oferta, mejores serán las posibilidades de éxito de la persona recién formado para ganar su espacio professional. De este modo la unión de la teoria con la tecnológica en el conocimiento por sí solo no es suficiente, dónde está la necesidad del conocimiento empírico. Desde este punto de vista, este trabajo pretende expresar los beneficios que las Salidas de Campo durante el curso, pueden hacer por supuesto la salida de Bibliotecologia, Cómo es enriquecedora la enseñanza y el aprendizaje más allá de las paredes de la escuela y por en el momento que está lanzando el campo de trabajo.

. Palabras clave: Bibliotecologia. Salidas de Campo. El Proceso de Aprendizaje

Formación Profesional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8

1.1 Contextualização 9

1.2 Objetivo geral 10

1.2.1 Objetivos específicos 10

1.3 Justificativas 11

2 REFERENCIAL TEÓRICO 112

2.1 Estratégia de ensino e não turismo 15

3 SAÍDAS DE CAMPO, MAIS UMA FORMA DE AVALIAÇÃO: 15

4 METODOLOGIA 20

4.1 Definindo o universo da pesquisa 22

5 RESULTADOS E ANÁLISE..... **Erro! Indicador não definido.**

5.1 Saídas de Campo: sob o olhar dos alunos ... **Erro! Indicador não definido.**

5.2 Saídas de campo: sob a ótica dos egressos 24

5.3 Análise dos comentários dos egressos e dos alunos.....24

5.4 Saídas de campo: depoimento das Escolas de Biblioteconomia 30

6 SAÍDAS DE CAMPO DOS ALUNOS DE BIBLIOTECONOMIA DA FURG:
..... **Erro! Indicador não definido.**

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 42

REFERÊNCIAS 44

APÊNDICE I 46

APÊNDICE II.....42

1 INTRODUÇÃO

No Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Biblioteconomia da Furg, são priorizadas as aulas expositivas e textos didáticos, deixando assim, na maioria das vezes, o empirismo tão importante, como segundo plano. Porém, a formação do bibliotecário não pode e nem deve se restringir às salas de aula, sendo necessário o conhecimento do trabalho na sua essência, ver como funciona na prática a profissão, nas diversas formas e situações as quais esses profissionais enquadram-se nos ambientes os quais se encontram as Bibliotecas em que atuam. Não somente em Bibliotecas, mas também em visitas diversificadas por ambientes de conhecimento e informação organizada, disponível, acessível ou não para leitores, usuários, clientes e comunicado do produto Informação.

O ideal esperado por um curso, é que o conhecimento real seja adquirido sem os subterfúgios de decorar, o que eventualmente ocorre. Atualmente esse conhecimento real é só adquirido através de estágios obrigatórios e práticas nas bibliotecas, porém não abrange a consistência necessária ao conhecimento de outros campos de atuação do profissional bibliotecário, os quais apresentam situações diferentes. É essa qualidade que oferecem as atividades de Saídas de Campo, um aprendizado sólido e duradouro. É claro que com isso, a teoria aplicada nas salas de aula é valiosa e indispensável, no que concerne à obviedade de que, é imprescindível o conhecimento científico e tecnológico dentro de qualquer curso. Porém as saídas de campo proporcionam uma separação formal entre o joio do que só se imagina nas aulas teóricas, do legítimo trigo do conhecimento, o qual só se adquire com a soma entre a teoria e a prática. A visualização da teoria colocada em prática entra em nós de forma extraordinária, nos abrindo os horizontes do entendimento e que levamos conosco para sempre, podendo ser utilizado no momento em que se fizer necessário, pois estará lá guardado nos arquivos da memória.

Para Compiani e Carneiro (1993, p 11) o campo é o cenário de geração, problematização e crítica do conhecimento, onde o conflito entre o real e as

ideias ocorre com toda a intensidade. Dessa forma, através do conhecimento adquirido, da realidade vista, poderá ser debatido entre as informações e conceitos obtidos em aulas teóricas, em relação aos vivenciados através de saídas de campo e assim compreender melhor a teoria.

Fundamentado em considerações teóricas e experiências de autores que defendem essa prática de ensino aprendizagem, este trabalho pretende contribuir para uma discussão sobre o PPP do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, buscando como questão de pesquisa, apresentar a influência das Saídas de Campo para o estudante e para o egresso da biblioteconomia da FURG.

1.1 Contextualização

Apesar da Saída de Campo ser uma atividade muito conhecida dentro do meio acadêmico, vale salientar um pouco de sua introdução na educação em nosso país.

Segundo Pontuschka (2004), no Brasil as atividades equivalentes às Saídas de Campo foram inseridas a princípio pelas escolas anarquistas na década de 30, com uma acepção política e libertária, já que o seu objetivo fundamentava-se no estudo do meio natural e social, com o intuito de oferecer um ensino racional que se fundamentava em observações, discussões e a formação de espírito crítico. Porém essa prática acabou por perder-se quando as escolas anarquistas acabaram, retomadas posteriormente na década de 60, retornando assim à agenda de professores que se preocupavam com a criação de um ensino que fosse mais atraente, o que constituiria em uma aprendizagem mais significativa. Porém, como estabelece Pontuschka (2004, p. 353) “o ensino ministrado e o estudo do meio inserido no currículo eram indesejáveis para a formação dos jovens de acordo com os princípios da ditadura militar instalada no poder”.

O que levou essa prática pedagógica ser somente retomada no final da década de 70 e início da década de 80 com o Movimento Escola Nova, por meio de discussões realizadas nas secretarias de educação municipal e estadual de São Paulo, com a intenção de discutir o tema e ficaram então

definidos, entre outras coisas, a necessidade do trabalho interdisciplinar e a contribuição das diversas áreas de ensino.

São variados os títulos dados a essa forma de ensino, assim como, Trabalho de Campo, Estudos de Meio, Visitas ou Saídas de Campo, porém todos representam o mesmo conceito, o do ensino além dos muros das instituições de ensino. Como frisa Fernandes (2007, p.23)

> [...] alguns formatos populares de atividade de campo, e não há uma terminologia comum para designar essa variedade de formas. Nomes como excursões, saída, visita, trabalho de campo, atividade de campo, estudo de campo e viagem de estudo, ainda são muito polissêmicos.

Em sua pesquisa sobre temas relacionados às Saídas de Campo, Viveiro (2006) utiliza os termos “atividades de campo”, “trabalho de campo”, e “aula de campo”, indicando que não há uma unanimidade no uso desses termos entre os autores, ao nomearem essas práticas. Assim, no presente trabalho se elegeu o termo “Saídas de Campo” para intitular essa prática.

1.2 Objetivo geral

Verificar significados das atividades "Saídas de Campo" para os egressos do curso de Biblioteconomia da FURG, alunos em curso e bem como, sobre as práticas dessa atividade pelas Escolas de Biblioteconomia da Região Sul do Brasil.

1.2.1 Objetivos específicos

Apresentar as falas dos egressos de Biblioteconomia da FURG (2005-2010), no que tange às Saídas de Campo, a influência ou não, dessa atividade na sua vida profissional.

Verificar, a partir de consulta às Escolas de Biblioteconomia da Região Sul do Brasil em que condições e proporções ocorrem atividade de Saídas de Campo.

Evidenciar que a atividade de Saídas de campo pode e deve ser inserida no PPP do curso de Biblioteconomia da FURG como disciplina obrigatória na grade curricular do curso de Biblioteconomia da FURG ou introduzida como atividade obrigatória na ementa de algumas disciplinas.

1.3 Justificativas

O que motivou a execução desse trabalho foi a influência causadas pelas Saídas de Campo em mim, enquanto estudante, e que me levou a verificar a importância que teve na vida dos egressos, se foram igualmente influenciados e o que agregou na sua vida profissional.

Entendo que as saídas de campo podem contribuir para a formação do profissional bibliotecário.

2 REFERENCIAL TEÓRICO - embasamento para sustentar a atividade de saídas de campo

É impossível negar o quanto as saídas de campo enriquecem o conhecimento e abrem a mente para as diversas formas de trabalho em outros ambientes, cidades e culturas. Essa afirmativa ocorre pela convivência com colegas do curso na FURG, indistintamente com todos os acadêmicos de todos os anos (1º, 2º, 3º e 4º), isso porque as atividades não excluem por séries ou níveis de conteúdo os alunos, mas envolve a todos.

Para Freire (1996), o trabalho de campo não pode ser compreendido apenas como coleta de dados e informações. Necessita ser entendido como um processo de articulação do sujeito com a realidade, possibilitando a inserção do sujeito na sociedade.

Ao que afirma Vasentini (2004), o trabalho de campo é importante para evidenciar as relações da teoria com o real, também serve como contraponto à tentativa atual dos alunos que se voltarem mais para o computador, vídeo e jogos que idealizam ou criam a realidade. A necessidade de aproximar o ensino da realidade é tão necessária que o autor comenta sobre o Japão, onde as escolas são obrigadas por lei, a realizar no mínimo um trabalho de campo a fábricas, museus ou outros lugares, por semana.

Na visão de Compiani e Carneiro (1993, p. 11), o campo é o “cenário de geração”, problematização e crítica do conhecimento, onde o conflito entre o real e as ideias, ocorre com toda a intensidade. Por este lado, o trabalho de campo ajuda na construção de um conhecimento próximo da realidade, onde poderão ser questionados informações e conceitos vistos em salas de aulas e não compreendidos.

Compiani (1991), afirma que o campo também é um excelente “ambiente de ensino”, que pode auxiliar na aprendizagem dos alunos, visto que proporciona contato direto com o que está sendo estudado. Para Fantinel (2000, p.11):

> No ensino, o papel das atividades de campo está atrelado à proposta pedagógica da disciplina na qual as atividades se inserem e à concepção do professor acerca do que é ensinar, do que é aprender e de seu entendimento de como se processa o conhecimento.

Ora, onde é obtida a visualização dos diversos setores que envolvem o trabalho do bibliotecário, é possível uma decisão por qual irá se especializar, pois certamente a pessoa encontrará assim a área que mais se afina o que somente na teoria, pode não alcançar.

Segundo Suetergaray (1996, p. 9), o trabalho de campo permite a aprendizagem da realidade do aluno na “medida em que oportunizo a vivência em loco do que de seja estudar”, pois o aluno estará em contato direto com a realidade concreta, que muitas vezes é vista na sala de aula, por meio de livros didáticos ou materiais utilizados pelos professores.

As visitas a ambientes onde a profissão se desenvolve, impulsionam a curiosidade do aluno através da percepção do que é realmente a prática do que foi apresentado através da teoria, porém de uma forma não vista antes, dentro das salas de aula, as teorias, as ideias e a própria realidade da profissão, acaba por aguçar-lhe a curiosidade, levando este a adentrar mais no assunto, buscando maiores elucidações do professor sobre o que foi exposto em sala de aula.

> O estudo de Vidler e Rawan (1974) evidenciou que a curiosidade ajuda no desempenho das atividades escolares, mostrando, por meio de um estudo com estudantes universitários, que o desenvolvimento da curiosidade epistêmica em ambiente acadêmico favorece a aprendizagem. (BEZERRA; SMITH, p. 275, 2006).

As influências das saídas de campo já começam a se estabelecer e serem emitidas dentro da sala de aula e gradativamente o aluno vai começando a sua marcha conforme o conhecimento adquirido empiricamente e a cientificidade que se instauram de uma forma mais profunda. Nesse

momento, o ensino mostra que é impossível à desconexão do composto de matérias que envolvem o curso, demonstrando que estão todos envoltos em uma mesma teia, uma mesma rede, levando o aluno a constatar a ausência de neutralidade no estudo, o que acaba por transformá-lo um formador de ideias, com seu próprio ponto de vista.

Ficando assim, o conhecimento, cada vez mais impossível para uma transferência, começando dessa forma, uma construção de conhecimentos agregados com quem o forma, para quê e para quem estão sendo formados e para novos padrões.

Para Berger (1998, p 74) o experimento das saídas de campo aponta que o campo é o lugar e momento ideal para reforçar os laços afetivos entre os membros do grupo, já que juntos experimentam esse encontro com a realidade, ajudando assim na socialização do grupo como um todo. Isso ajuda os alunos a sentirem-se mais à vontade para expor suas dúvidas.

É preciso ressaltar que somente a teoria, dentro do espaço formal de uma sala de aula, restringe uma visão real do desenvolvimento do bibliotecário em ação. A formação básica para o mercado de trabalho requer dos alunos, muito mais do que meros conhecimentos memorizados, vazios de relações com o empirismo, o qual é muito valoroso o que defende (Cunha et al., 2008, p.32),

> [...] passam pelo pensar, pelo ler a realidade, compreender os processos, identificar problemas e gerar soluções o que requer competências cognitivas complexas que implicam o desenvolvimento da inteligência, muito além da memória, exigindo uma articulação entre o fazer e o conhecer.

Através das saídas de campo, o aluno consegue aperfeiçoar o entendimento científico, gerando assim, uma construção do conhecimento real. O parecer do mundo deixa de ser o senso-comum, o que permite ao professor ir aperfeiçoando cada passo, até que consiga romper de forma definitiva a conexão que o aluno possui com o “achismo”, preparando-o para sentir-se mais seguro como transformador de sua própria realidade.

A utilização desse tipo de atividade permite obter melhores resultados, porque a saída de campo motiva os alunos despertando-lhes interesse para

determinados conteúdos. Esse tipo de atividade também cria oportunidades de desenvolver e melhorar as relações entre aluno e professor (Senciato & Cavassan, 2004).

O aluno aprende de forma mais eloquente, depois de um mês ou vários anos, certamente ainda guardará na memória os conhecimentos conquistados.

2.1 Estratégia de ensino e não turismo

As Saídas de Campo estão longe de ser uma simples excursão, trata-se de uma atividade mais complexa, têm como meta servir como mais um meio de transmissão de conhecimento, como um recurso a mais que vem facilitar o ensino aprendizagem com mais dinamismo e que através da interatividade o torna mais corroborativo e de maior significado.

O curso de Biblioteconomia vai muito além das descrições teóricas apresentadas, atualmente se associa como saberes transversais, temas interdisciplinares que preparam o aluno para leituras e interpretações do mundo, corroborando assim à sua futura vida profissional. É onde as atividades de Saídas de campo acabam por tornarem-se imprescindíveis, pois cada ambiente, cada área de atuação do profissional bibliotecário, possui uma ou mais características, detalhes, singularidades, as quais devem ser observadas. Sendo assim, as atividades de Saídas de campo se apresentam como um recurso muito relevante, para que o aluno consiga assimilar de forma mais ampla a relação que existe entre o empirismo e as informações recebidas na sala de aula, o que acaba por ajudar o aluno a ter um maior aproveitamento do que lhe foi passado dentro da sala de aula, levando-lhe a ter uma nova visão da relação teoria e prática. A definição para Lacoste (1985),

> O Trabalho de Campo para não ser só empirismo, deve articular-se à formação teórica que é ela também, indispensável. Saber pensar o espaço, não é colocar somente os problemas no quadro local, é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas. (Lacoste, 1985, p. 20)

Para Santomé (2005), a formação de conhecimentos e a aprendizagem só acontecem quando há algo que desperte o interesse no indivíduo,

> [...] os conflitos cognitivos ou desiquilíbrios são os motores das aprendizagens, o que significa que o organismo humano não assimila qualquer informação que lhe é oferecida; isso só acontece na medida em que estiver ligada aos seus interesses e às possibilidades cognitivas oferecidas pelos esquemas anteriormente construídos. Só as questões interessantes e motivadoras que podem ser problemáticas para a pessoa, tem a possibilidade de gerar conflitos cognitivos e, consequentemente, aprendizagens. (Santomé, 2005, p. 39).

As atividades de Saídas de Campo são ferramentas complementares muito importantes para a formação acadêmica, pois auxiliam o aluno a aprimorar o que aprende na sala de aula e melhorar a compreensão dos termos técnicos e conceitos constatados na prática, pois no momento em que visualizam, acabam por compreender e assim, compreendendo, acabam por memorizar.

> O uso de ambientes não formais possibilita a contextualização, aplicação e associação de conceitos e conhecimentos já aprendidos com as informações novas, do ambiente, reduzindo as exigências de abstração do aprendiz e permitindo uma compreensão mais eficiente dos conhecimentos. Esse processo de associação de informações novas com outras já incorporadas, de forma interrelacionada, denomina-se aprendizagem significativa. (Moreira & Masini, 2001,p.41).

No momento em que o indivíduo observa o passo-a-passo de um ambiente de trabalho, é que consegue uma formação mais abrangente, de modo que acaba percebendo o funcionamento real da teoria colocada em prática e percebe a necessidade de conciliar as duas em tempo de produção.

Seria um desperdício a limitação dessa atividade à simplesmente uma visitação, pois as possibilidades de trabalho advindas das Saídas de Campo são inúmeras e fortemente enriquecedoras, uma vez que, “[...] é no contato direto com o meio, que o educando consegue compreender que este não é estático, é dinâmico, está sempre suscetível a transformações, a mudanças” (MALYSZ, 2009, p. 8).

Assim, o sujeito vai observando que em cada situação é possível agir de forma diferente do que é estipulado dentro dos parâmetros apresentados nos lugares os quais conhece, através de estágios e dos apresentados em sala de aula, que existe outras formas de manter a técnica aprendida, porém dentro do que te oferece o lugar, a instituição, a empresa.

3 SAÍDAS DE CAMPO, MAIS UMA FORMA DE AVALIAÇÃO

Como todas as atividades disciplinares, as Saídas de Campo também necessitam de avaliação, a qual pode ser implementada de forma que seja em primeiro lugar obrigatória, sendo que em muitos casos o aluno tende a não comparecer devido a ser uma atividade extraclasse.

Essa atividade deve ser previamente discutida em sala de aula, sendo observados os objetivos didáticos e a orientação do professor sobre o local, comportamento e apresentação do aluno em cada lugar a ser visitado e principalmente deixando bem claro que não se trata de um passeio e sim de uma atividade como outra qualquer e que será devidamente avaliada..

Os alunos devem ser orientados a portar cadernetas nas quais possam ir registrando informações importantes e opiniões a serem discutidas depois.

Os alunos devem estar cientes de que estarão sendo avaliados também, sua pontualidade, postura e respeito com os locais de visita, com os professores e com os colegas.

Para uma avaliação final, a qual seria tipo uma exploração da atividade em sala de aula, poderia contar com a apresentação de um relatório, embasado nas observações feitas durante a atividade, as quais devem estar devidamente registradas, como também suas conclusões técnicas através dos conhecimentos assimilados durante o curso. Porém, essa avaliação fica a critério do professor, que pode definir outras formas de avaliação, assim como artigos, exposições fotográficas e apresentações de trabalhos.

Os alunos que não puderem comparecer na Saída de Campo, deverão apresentar um trabalho que ficará a critério do professor e que poderá ter peso como qualquer outra nota.

Os debates, as discussões, os trabalhos que são gerados pós a atividade, dentro da sala de aula, é que para Monteiro de Oliveira et. al. (2009, p. 204),

> [...] completa aquilo que no campo escapou, ficou subentendido ou mal entendido. Ela ultrapassa o momento de reunião das entrevistas, fotografias e a narração das melhores vivências. Não se esgota com a simples ‘avaliação’, na qual uma turma afirma ter sido ótimo ‘ver’ a ‘realidade’.

A associação dos vários componentes curriculares podem ser trabalhados em todas as fases do desenvolvimento dessa atividade, abrangendo, desde o planejamento até a avaliação, às diversas áreas do conhecimento, o que permite a exploração de conteúdos diversos, variados, oportunizando assim, o trabalho conjunto com outros professores, otimizando e enriquecendo o ensino, tornando-o mais forte. Como afirma Pontuschka (1994, p.26) é

> [...] um método para conhecer um objeto de estudo extraído da realidade local ou de outras realidades, que os professores podem utilizar no ensino, preferencialmente sob a perspectiva de uma realização coletiva, interdisciplinar, que é a sua defesa principal.

No atual cenário da educação, esta atividade deve ser vista como uma maneira de trazer ao aluno a realidade empírica da profissão, pois devido a sua riqueza, acabam por proporcionar infinitas possibilidades de conhecimento, pesquisas e interação com os ambientes os quais poderá vir a trabalhar.

4 METODOLOGIA

No que tange a metodologia utilizada neste trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, onde realizamos entrevistas semiestruturadas e de observação participante. A pesquisa qualitativa possui procedimentos que ultrapassam os limites das análises quantitativas por ser um tipo de pesquisa que não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, o que possibilita uma liberdade de interpretação do pesquisador para os dados colhidos. Porém requer muita atenção e criticidade.

Para o nosso instrumento – entrevista semiestruturada, encontramos em Triviños (1987)

> “a entrevista semiestruturada consiste em uma coleta de dados que tem como ponto de partida algumas interrogações que, por intermédio de hipóteses e de teorias que respondam ao conteúdo investigado, bem como do depoimento do entrevistado, podem ser revistas visando uma melhor elaboração do conteúdo da pesquisa.” (TRIVIÑOS, 1987 p...).

As pesquisas qualitativas estão usando cada vez mais as análises textuais ou de conteúdo, seja através de livros, artigos, textos existentes, observações, entrevistas (como é o caso deste trabalho) ou do próprio material produzido, como afirma Moraes (2003 p. 191), no que diz respeito a esse tipo de análise, ela tem o propósito de:

> [...] aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão.

Foi utilizado um levantamento bibliográfico na pesquisa, pessoas que tiveram experiência com o tema pesquisado e observação participante. Com essa observação foi entendido que o pesquisador “se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais.” (Lakatos, 2003, p.194).

A técnica de entrevista semiestruturada foi utilizada na coleta de dados, pois através desse tipo de entrevista, é possível para o pesquisador fazer uma exploração mais ampla do conteúdo do assunto, pois as perguntas sendo abertas podem ser respondidas naturalmente, levando-se em conta que o "entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada." (Lakatos, 2003, p. 197).

O público alvo da pesquisa – 07 escolas de Biblioteconomia da Região Sul, Universidade Federal do Rio Grande - FURG Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Universidade Federam do Rio Grande do Sul - UFRGS, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Universidade de Caxias do Sul - UCS e egressos do curso de Biblioteconomia da FURG e alguns alunos que tiveram experiências com o assunto da pesquisa. O referencial teórico, as falas das escolas e dos entrevistados são o conteúdo que propomos discutir, analisar, tratar e representar. Para Moraes e Galiazzi (2006, p. 123),

> A linguagem desempenha um papel central na análise textual discursiva. É por ela que o pesquisador pode inserir-se no movimento da compreensão, da construção e reconstrução das realidades. Pela linguagem constrói e amplia os campos de consciência pessoais, entrelaçando-os com os de outros sujeitos, sempre a partir dos contextos que investiga.

No primeiro momento da pesquisa, projeto de TCC I, como amostragem desse trabalho, pesquisou-se cinco egressos do curso de Biblioteconomia da FURG e constatamos alguns exemplos de motivação profissional para o desenvolvimento de atividades fora do ambiente de trabalho. Ouvimos que as atividades de saídas de campo e/ou encontros e atividades extra ambiente de trabalho *são resultados daquelas aulas fora das salas de aulas da FURG, o que para muitos poderia ser chamado de "passeios".* Percebemos que alguns tornaram-se multiplicadores dessa natureza de eventos, outros não

absorveram com mais entusiasmo essas práticas, no entanto, levamos em consideração as características pessoais, oportunidades e operacionalidade para empreender em ações nessa modalidade de cooperação e troca de experimentos. Também encontramos em MORAES e GALLIAZI (2006) o aporte referencial para o entendimento dessa ferramenta de coleta de informações, a entrevista semiestruturada, não obstante somente nesses autores, mas a partir desses é que nos debruçamos a construir e desenvolver um formato de apresentação desses resultados preliminares, o piloto deste projeto. Para a pesquisa encaminhamos um modelo de entrevista (Anexo I) com as 03 perguntas norteadoras para a coleta de informações acerca do tema em estudo.

Para o trabalho, introduzimos além das Escolas de Biblioteconomia e dos egressos, também a impressão dos alunos que participaram dessas atividades e a inclusão do parecer da FURG, o qual foi deixado para esse momento.

Diante da semântica desse trabalho, foi escolhido incluir as respostas no corpo do texto, como depoimentos prestados através da indução de perguntas elaboradas, perguntas essas que se fundamentam do núcleo da pesquisa, assim como, - Qual sua impressão sobre as atividades de Saídas de Campo? – São atividades agregadoras, importantes para a formação do profissional? Foi escolhida a entrevista semiestruturada, para dar liberdade, tanto ao entrevistador como ao entrevistado.

4.1 Definindo o universo da pesquisa

Constituem o universo de pesquisa os egressos do Curso de Biblioteconomia da FURG, alunos em curso, que fizeram parte de Saídas de Campo e as 07 Escolas de Biblioteconomia da Região Sul do Brasil, em destaque a FURG, através de uma entrevista com o professor Claudio Renato, certamente o docente com maior fluxo nas atividades de saídas de campo e também por sua experiência de anos na coordenação o que acabou gerando um não contato com a coordenação vigente no período da coleta.

As entrevistas com os egressos foi aplicada no mês de junho (semanas iniciais) onde abordamos a questão central, “A INFLUÊNCIA DAS SAÍDAS DE CAMPO PARA A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA. Esse procedimento de escolha dos entrevistados aconteceu em consonância com o orientador, Professor Claudio Renato, por serem estes, anteriormente alunos do mesmo e que fizeram parte de atividades de Saídas de Campo enquanto alunos do mesmo, atividades estas, que mais efetivamente se fazem presente nas disciplinas (Fontes de Informação em Meio Ambiente, Bibliotecas Públicas, Comunitárias e Alternativas, Ação Cultural, Bibliotecas Escolares, Empreendedorismo e Ciência da Informação no curso de Arquivologia) ministradas pelo professor e, em outras disciplinas de outros professores nessa mesma modalidade de ensino, por exemplo, nas disciplinas de Sociologia com a professora Leni Colares e Estudo de Usuários com a professora Magali Aquino.

.

5 RESULTADOS E ANÁLISE: saídas de campo sob a ótica dos entrevistados

O objetivo deste capítulo é para expor os depoimentos de alguns dos alunos em curso, que tiveram experiências nas atividades de Saídas de Campo pelo curso de Biblioteconomia da FURG e de mais alguns egressos do curso, porém de uma forma mais pessoal.

5.1 Saídas de Campo: sob o olhar dos alunos

A escolha dos alunos aconteceu de forma aleatória, apesar de muitos terem mostrado interesse em explanar suas impressões sobre a atividade, foram escolhidos os primeiros que mandaram seus depoimentos, de cada ano do curso, pois a ideia era de colocar os pareceres de todas as turmas e dos que mais estiveram presentes durante as Saídas de Campo que foram realizadas, não podendo colocá-los todos, por serem muitos.

> "Algumas das melhores experiências que tive durante o curso foram as saídas de campo, e não me refiro somente ao entrosamento da turma e dos professores, e sim aos tantos lugares que conhecemos e podemos ver como realmente acontece toda aquela teoria que estudamos em sala de aula, é uma experiência única a junção da teoria com a prática. E eu obtive a prova da importância dessas saídas durante o meu estágio, pois me deparei com situações as quais somente consegui solucionar com as experiências que adquiri com as visitações que fizemos em nossas saídas de campo." (**Elisabete Pacheco** – acadêmica do 8º semestre do curso de Biblioteconomia da FURG).

> "Toda e qualquer formação profissional requer um somatório de competências e influências que vão além dos conteúdos teóricos e mesmo os práticos, portanto é de suma importância o vislumbre in loco das rotinas e realidades acerca das proficiências de cada área de atuação. Nesse contexto incorporar as saídas de campo como parte intrínseca da formação acadêmica, é essencial como agregador cultural e como tal, representa fator de crescimento para o individuo,

alargando seus horizontes e proporcionando experiências e vivências as quais antecipam realidades que o futuro profissional de uma forma ou outra irá confrontar e, uma vez tendo esse contato durante sua formação e essa sua busca pelo habitat do que será sua futura especialidade, ele terá nessa saída de campo. Assim, penso ser a saída de campo fundamental pelo acima relatado, e sustento tal afirmação pela própria experiência, no momento que, ao desfrutar de uma dessas intervenções possíveis pela saída de campo, pude visualizar e mesmo materializar a essência do curso de Biblioteconomia, e como graduando, foi um diferencial que em muito contribuiu para minha formação prática na minha área. Relato ainda, como impressão pessoal que as saída de campo poderiam ser como disciplina programática do curso devido sua importância tanto ao acadêmico, mas também como agregador ao próprio curso".

(**Mauro Cesar P. Veiga** - Graduando de Biblioteconomia – 8º semestre do curso de Biblioteconomia da FURG).

"Acredito que as saídas de campo são indispensáveis dentro de qualquer curso durante a Universidade. Tudo hoje em dia está muito restrito a sala de aula, a slides e mais slides. Precisamos ter contato com o mundo lá fora. Precisamos conhecer e visitar Bibliotecas, Universidades, Centros, Museus, enfim. Isso além de nos agregar conhecimento e informação, faz com que conheçamos outros ambientes, culturas e modos diferentes, que certamente ficará guardado pra nossa vida inteira, e não somente na vida acadêmica. Porque o contato com algo que desejamos conhecer, nos desperta um fascínio, em minha opinião, jamais esquecido."
(**Priscila Ferreira** – acadêmica do 6º semestre do curso de biblioteconomia – FURG)

"A atividade de saída de campo nos abre olhares. Que é até redundante dizer, só ocorre através delas. Não conseguiria viver tanto a cultura gaúcha sem sair da sala de aula, pois, as salas ainda são limitadas neste sentido. Tomamos chimarrão, conversamos, assistimos aulas, participamos de aulas, porém, quando saímos a campo, vivemos a prática da nossa imaginação, conhecemos histórias. Acho que pode ajudar a ver meu papel enquanto fomentadora da cultura informacional, não vejo um bibliotecário trabalhando em biblioteca sem saber mediar este assunto. Ir a campo é apresentar o contexto da vivência, não é basear-se somente em teorias, é conhecer lugares que lhe mostram a prática daquilo que tu "lê" na universidade, tu passa ver fora dela. Então acho que conseguirei trabalhar melhor, simplesmente porque posso vivenciar o contexto real da minha profissão, do cotidiano".
(**Sabrina da Silva de Oliveira** – acadêmica do 4º semestre do curso de Biblioteconomia da FURG).

> "Acho importante as saídas de campo e considero estas visitas técnicas de grande valia aos graduandos do curso de biblioteconomia, visto que que podemos analisar, visualizar, interagir e aprender com outros profissionais da área em outras unidades de informação".
> (**Leandro Cougo Mattos** – acadêmico do 4º semestre do curso de Biblioteconomia da FURG).

> Acredito que as saídas de campo são importantes para nossa formação por nos trazer experiências práticas que se aliam aos estudos teóricos inseridos em sala de aula, sendo fundamentais para uma compreensão mais ampla desses estudos. Na biblioteconomia, percebo que as saídas de campo têm sido fundamentais e agregadoras, nesse processo de construção de um conhecimento melhor experienciado, melhorando minha formação profissional.
> (**Magnun de Oliveira** – acadêmico do 2º semestre do curso de biblioteconomia da FURG).

5.2 Saídas de campo: sob a ótica dos egressos

> "Durante minha graduação tive a oportunidade de participar de várias saídas de campo, conhecer muitas bibliotecas em diversas cidades e tais saídas com toda certeza agregaram em muito o conhecimento e me oportunizaram descobrir como é atuar em biblioteca. De bibliotecas escolares às especializadas, muitas informatizadas e outras ainda utilizando sistemas de fichas assim foram conhecendo a todas. Muito importante que continue sendo parte do currículo a disciplina que integra as saídas de campo servem de instrumento para a formação do discente no decorrer do curso".
> (**Vera Lucia S. Leite** - Bibliotecária Documentalista.
> Trabalho na Unipampa desde 2007, após passar no concurso).

> "Quando a Madalena me contou que iria fazer seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre Saídas de Campo na Biblioteconomia achei o tema interessante e original, não me lembrava de ter ouvido falar sobre algo do tipo antes dela o ter mencionado. Então pensei: "certamente este é o tipo de trabalho que pode trazer um contributo importante para a formação do acadêmico, com o qual os alunos podem se identificar". Tempo depois veio o convite para escrever um depoimento a dizer

minha opinião sobre o assunto. Minha primeira reação foi recordar da minha própria graduação e das inúmeras visitas técnicas (se não me engano, na época chamávamos assim) que fizemos a bibliotecas e outros tipos de organizações onde a informação desempenha um papel central. Mais tarde, já atuando como profissional em biblioteca universitária, as visitas a outras instituições continuaram a acontecer, pelo quê posso afirmar com certeza, que sou totalmente a favor desta prática. Se, na época da graduação, muitas vezes não conseguimos nos aperceber da verdadeira importância das saídas de campo (para usar aqui o termo correto), quando ingressamos no mercado de trabalho elas fazem todo o sentido. Em primeiro lugar, porque somos seres essencialmente sociais e nunca fazemos nada sozinhos, todo o conhecimento é, em algum nível, construído de forma colaborativa. As saídas de campo nos permitem vivenciar experiências novas, reviver experiências já passadas, olhar para as situações sob um prisma diferente, mudar de opinião e encontrar soluções diversas para um mesmo problema. Poder se basear em experiências prévias pode ajudar a poupar tempo, evitar retrabalho, salvar recursos, encontrar caminhos alternativos, encontrar motivação e inspiração, entre tantas outras vantagens. Além disso, se engajar em saídas de campo sempre significa sair da zona de conforto e mudar de atitude, mesmo que inconscientemente, mesmo que momentaneamente. Significa conhecer outras pessoas, com modos de pensar diferentes, criar uma rede interessante de relacionamentos, e neste ponto voltamos á questão de sermos seres sociais e, portanto, cooperativos. Isto, para não mencionar o clima de confraternização e diálogo entre os próprios colegas que saem juntos a campo, o que pode ser extremamente produtivo. Considero importante que as saídas de campo sejam estimuladas já nos primeiros anos da graduação, como forma de se estabelecer uma cultura que deve perdurar durante a vida profissional. Saliento que este não é um depoimento com fundo teórico, mas baseado na opinião pessoal de alguém com conhecimento empírico suficiente para ser entusiasta das saídas de campo".

(**Rúbia Gattelli** - Ex-aluna do Curso de Biblioteconomia da FURG e Bibliotecária no Sistema de Bibliotecas da mesma Universidade).

"O conhecimento agregado durante as saídas de campo são de suma importância para construção do profissional bibliotecário, observando quaisquer tipos de unidades de informação, seus processos e técnicas de trabalho bem como novas tecnologias aplicadas no cotidiano, ampliam a diversidade de opções e vertentes a serem estudadas. Esta vivência também complementa o aprendizado, reforçando ou adiantando o que o educador pretende aplicar na sala de aula. Durante as saídas de campo a convivência aproxima a turma, se criam afinidades e melhoram os relacionamentos".

(**Michel Castro Lucas** - Bibliotecário-SiB)

"Acredito que as saídas de campo para a formação do bibliotecário contribuem significativamente no sentido de aliar a teoria à prática, sendo instrumento de motivação aos futuros profissionais, despertando-lhes também o interesse e compreensão por determinados conteúdos".
(**Vanessa Ceiglinski Nunes** – Bibliotecária. UNIPAMPA - Campus Dom Pedrito).

"Madalena, é um prazer contribuir com teu TCC e com o Professor Claudinho, me sinto muito honrada em dar-lhe minha opinião.A minha bagagem na Biblioteconomia e as atividades profissionais vivenciadas somam 20 anos desde o meu ingresso acadêmico em 1994 na FURG e pela vida profissional iniciada em 1997. Nesses caminhos trilhados passaram pelas bibliotecas especializadas, bibliotecas universitárias, bibliotecas técnicas escolares, biblioteca pública, repositório, docência no curso de Biblioteconomia e por fim na biblioteca escolar. Assim, me sinto a vontade para falar um pouquinho sobre a formação acadêmica e a vida profissional do bibliotecário. Para o acadêmico em formação profissional, ele começa a ganhar a bagagem de informações dentro do curso de biblioteconomia a partir do primeiro dia de aula, e todas as atividades extra-aula são de extrema importância. Enfim, desde as bolsas de trabalho, participação em projetos de pesquisas, laboratórios, eventos, são todas atividades que de uma forma agregam conhecimentos junto aos profissionais da área. Mas e a saída de campo? Essa é a sua questão, essa eu defendo como a máxima da importância, pois é o professor que está em sala de aula, que está em seu campo de atuação e que ministra o conteúdo da disciplina sabe das limitações do aluno e até mesmo que o conteúdo somente em sala de aula é limitador, então ao propor saídas de campo orientadas, juntamos a teoria baseada em autores que conceituam a área, e que são discutidas entre os alunos em sala de aula, mas que ao ir a campo, esse conhecimento fica mais compreensível, pois o aluno através da observação, e mesmo através da prática consegue ligar a teoria e a prática do que se quer ensinar. Fazendo com que o conteúdo ultrapasse a linha teórica e seja mais palpável, entendido e compreendido e despertando no aluno interesses que se fossem passados somente em sala de aula, talvez não fizesse o mesmo efeito. Tanto para o professor quanto para o aluno essa atividade é muito benéfica, pois agrega informações, traz novas experiências para o meio acadêmico, e que é muito utilizada em diversos cursos dentro da universidade como um complemento e suporte as atividades propostas dentro da sala de aula. Sob o meu ponto de vista vejo ganhos para a universidade que também é uma forma dela ser mostrada, apresentada em diversos lugares e como uma forma de ensino diferenciada, em que os acadêmicos saem com uma formação mais solidificada".

(**Simone Sola Bobadilho**, Bibliotecária (FURG 1997), Especialista em Gestão Estratégica da Qualidade (UCS – 2005), Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL -2014), Atualmente Bibliotecária voluntária do CIEP-Rio Grande, RS).

"penso que as saídas de campo no curso de Biblioteconomia possuem 3 dimensões principais: técnica, cultural e troca entre pares. Nas visitas que realizei em bibliotecas fora da FURG (principalmente as de fora da cidade) permitiam um novo olhar sobre os conhecimentos técnicos recebidos em nossa formação, ao observarmos na prática as teorias estudadas; culturalmente estas visitas acrescentam ao passo em que nos demonstram a variedade de locais, instituições, públicos, etc. a que podemos estar diante quando formos trabalhar e assumir cargos como bibliotecários em locais diferentes dos quais convivemos; neste mesmo sentido, surge a troca entre pares, dialogamos com profissionais formados (muitas vezes na própria FURG) em que nos aconselham, dividem suas experiências pessoais e profissionais, nos mostrando caminhos e formas de caminhar depois que estivermos em atuação. As experiências trazidas nas saídas de campo são inesquecíveis, e ao meu ver, uma das principais formas de ligar a teoria e a prática".

Cintia Kath Blank - Bibliotecária - concursada pela Prefeitura Municipal do Rio Grande - Secretaria Municipal de Educação - Lotada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Altamir de Lacerda do Nascimento. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEDU-FURG

5.3 Análise dos comentários dos egressos e dos alunos

Através das respostas obtidas, pode se perceber a nítida influência que as saídas de campo tiveram na maioria dos egressos entrevistados, mesmo os que não podem exercer a ideia das saídas de campo em seu local de trabalho, demonstram o quanto foram influenciados por elas, enquanto outros chegam até mesmo a introduzi-las no seu ambiente de trabalho, fazendo uso do conhecimento proporcionado pela atividade, desenvolvendo assim uma forma diferente de facilitar o trabalho até mesmo dos colegas, no que tange a cooperação de outras bibliotecas para o progresso da socialização entre instituições. O que reforça a ideia da importância dessa atividade ser inserida

no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Biblioteconomia, não só da FURG, mas das demais Escolas de Biblioteconomia da Região Sul

Percebemos que todos foram unânimes, tanto os egressos, quanto os alunos, em afirmar a importância dessa atividade em sua formação e na maioria, a preocupação em que se torne permanente na grade curricular do curso de Biblioteconomia da FURG.

5.4 Saídas de campo: depoimento das Escolas de Biblioteconomia

Em primeiro momento de contato com as coordenações das 6 Escolas de Biblioteconomia da Região Sul, o qual só foi conseguido através de telefone, foram passados os pareceres divulgados no quadro II da primeira parte do trabalho. Nesses primeiros contatos ficou acertado que passariam seus pareceres através de e-mail, para ficarem devidamente registrados, porém apenas 2 escolas enviaram o referido e-mail, assim sendo, foi decidido colocá-los em separado. Deixando bem claro que uma delas não estava na primeira parte do trabalho, diferente da FURG, a qual foi apenas suprimida, essa Escola de Biblioteconomia é da Universidade de Caxias do Sul – UCS, devido a uma confusão por ser a mais nova.

> "No nosso curso não existe uma disciplina que inclua as atividades de Saídas de Campo. Essas atividades podem ser muito úteis à formação do profissional bibliotecário, mas fica muito a cargo do planejamento docente e da relação com a unidade de informação a ser visitada. As disciplinas que ficariam pertinentes essas atividades são, Biblioteca Escolar; Planejamento e Organização de Biblioteca; Serviço de Referência."
>
> (Prof. Marcelo Votto Teixeira - Coordenador Técnico do Sistema de Bibliotecas
> Coordenador do Curso de Biblioteconomia - Universidade de Caxias do Sul).

> "Não existe referência dessas atividades no PPP, mas somente são especificadas as visitas nos Planos das disciplinas. Particularmente acho essas atividades de Saídas de Campo

> muito positivas e produtivas. Além do conteúdo a observar, o aluno se intera do contexto e do comportamento do profissional. Penso que seriam pertinentes essas atividades principalmente nas disciplinas da área de organização da informação, mas sei que nas de gestão de serviços e de bibliotecas estas visitas também são utilizadas aqui no curso".
> (Prof.ª Glória Isabel Sattamini Ferreira – Coordenadora do Curso de Biblioteconomia - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS - FABICO).

As Saídas de Campo na Biblioteconomia FURG: um relato do Professor Claudio Renato Moraes da Silva, considerado pelo curso e pela comunidade discente do mesmo curso como o mobilizador e o promotor da maioria das saídas de campo. Relato este, com destaque, por se tratar da Escola que faz parte do objeto de pesquisa.

A pesquisadora realizou uma entrevista com o professor e foi lhe oferecida duas (02) perguntas, a pretensão era identificar o período em que começaram as saídas de campo e qual reflexo a promoção desta atividade exerce e deixa no professor.

1) Quando começam as saídas de campo na Biblioteconomia da FURG?

2) O que ficou no senhor como sujeito de ação que mobiliza e promove as saídas de campo para a comunidade discente da Biblioteconomia?

> Bom dia pesquisadora, primeiramente obrigado pela oportunidade de contribuir na pesquisa, sobretudo, considerar acerca desta atividade tão importante e resignificante de saídas de campo. Eu antes de ser concursado (1992) fui professor substituto em seguida da formatura e, na minha seleção de professor substituto, recebi as disciplinas Bibliotecas Escolares, Técnicas de Arquivos e Reprografia, está última em substituição temporária a professora que vinha de Porto Alegre, RS. Os conteúdos eram didáticos, puramente de salas de aulas, nos pacotes das disciplinas inclusive foram passados os exercícios, com aquelas folhinhas meio amarelado e algumas pastinhas classificadores com umas etiquetinhas de identificação. As Bibliotecas Escolares foi à porta de saída para iniciar as saídas de campo e as visitas técnicas guiadas e orientadas. Iniciava-se a ideia de promover o ensino sobre outras formas, sob outro olhar; ainda que de cima dos muros da universidade, mas buscando os e nos horizontes oportunidades e

praticidades para os discursos dos conteúdos. Desta maneira também aconteceu com a Reprografia que íamos seguido para ter aulas na Gráfica da FURG que na época ficava na Rua Luiz Loréa, no centro da cidade. As aulas eram muito práticas, bem dinâmicas e contávamos com a colaboração e o apoio do pessoal da editoração, revisão linguística, fotógrafos, enfim todos os funcionários. Poucos encontros ocorriam na sala de aula. E as Técnicas em Arquivos, o que fazer se nem mesmo o professor sabia claramente a que servia a disciplina. Organizar arquivos, tratar a documentação segunda normatização do CONARQ... O que é o CONARQ? O bibliotecário tem habilitação e conhecimento técnico e específico para esse tipo de atividade, nesta unidade de informação e com tal documentação? Nessa época não havia o Curso de Arquivologia na FURG, vindo a surgir em 2008; logo, e pela mínima competência e habilitação pela disciplina o professor proporcionava para os alunos saídas de campo para conhecer arquivos, destaque para o Arquivo do INPS (atual INSS) e algumas agências de navegação com as suas "massas de documentação" a espera de um mínimo de arranjo.

Desde então as disciplinas ministradas por esse professor passaram a compor-se de conteúdos e, na medida em que era e é possível, complementadas pelas atividades de experimentos, vivencias convivências, visitas e Saídas de Campo em lugares, locais e realidades que completam o processo que ensina, aprende e retorna para ensinar.

Dizer o que essas atividades deixaram em mim ou que delas ficou em mim poderia ser resumidamente na palavra – certeza.

Certeza de saber ser o que eu sei e gosto de ser – um educador que aprende quando ensina e só ensina quando aprende.

Na concepção de Aldo Barreto (2002), bibliotecário e autor muito consultado pela área da Biblioteconomia, nos traz que a informação pode ser o fluxo no ambiente plural de sujeitos e artefatos de acesso à informação, com o sujeito sendo influenciado pelo ambiente e pelos artefatos modificando o ambiente, não com base em um modelo rígido, mas em movimento dinâmico, em que um influencia e é influenciado para se modificar.

Quanto às estruturas significantes que a informação assume, seja nas relações de fazer ciências, convivências sociais, mútuas ou coletivas, o autor considera que nesta visão sistêmica, o ambiente em que a informação assimilada é transformada em conhecimento, essa transformação também se traduz por ressignificação, uma nova representação nas estruturas participantes. Dessa maneira estamos modificando, alterando, contribuindo na composição daquilo que é ensino e, assim são as atividades de saída de campo; uma transformação da maneira de fazer e compreender o fenômeno da transferência da informação, sob vários olhares de diferentes lugares de onde olhamos. O que ficou em mim e fica todos os dias, ainda hoje, são as vidas das pessoas que transitam numa mesma rua, de

mão dupla, ora a necessidade científica e de produção intelectual – conteúdo acadêmico, ora pela necessidade social, humanitária, coletiva, diversa, plural e particular de cada realidade com a sua regionalidade humana.

A academia é aquela instituição sócia científica e cultural, que prepara as pessoas para uma profissão, para o trabalho e, também para vida. Para a inserção social e produtiva das pessoas nos diversos e diferentes mercados, nas diversas e diferentes profissões aí reside parte do papel e missão das escolas e universidade. Nesse sentido, entendo a importância de não fragmentar, mas integralizar o ensino e os conteúdos, fazer a socialização nos dois eixos de ensinar – conteúdo (discurso) e – práxis (constatação).

Compreendo que o ser humano manifesta a capacidade de afeto, da produção da imaginação, como também de **afetar** e ser alvo de **afeto**. Nas relações sociais de todos os dias, nas profissões, nas ruas, pelos encontros; esse sentimento habita em mim, por tudo que já vi, vejo, percebo e experimento; sentimento que são alimentados pelas saídas de campo. O imaginário, para Castoriadis (1975), "é criação incessante e essencialmente indeterminada [...] de figuras, formas, imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de alguma coisa". Para ele, o imaginário é um conceito fundamental cuja função originária é fazer aparecer como imagem uma coisa que não é e nunca foi, o que permite falar de um imaginário último ou radical, raiz comum de toda produção imaginária e simbólica. Pino (2006) em concordância com o pensamento de Marx assinala que instigar "no plano da imaginação aquilo que ainda não se concretizou no plano real é dar existência a algo que não existia, ou seja, é um ato de criação". Nesse sentido, acredita-se que "seu valor de criação não fica reduzido pelo fato de ser no plano do imaginário, uma vez que é nesse plano que a criação do objeto ocorre, ficando à espera da sua possível transposição para os campos do real - concreto e do simbólico". Pino (2006) denomina este movimento de criação de "produção imaginária". Sendo assim, evidenciamos com esta pesquisa, por meio das falas e dos depoimentos dos sujeitos, que os alunos tornam-se mais críticos e participativos devido à diversidade de atividades que eles estão expostos, bem como o conviver com o outro e as relações que estabelecem com o outro, assim como ele se coloca no encontro com o outro, com o desenho, com a arte.

Talvez e só talvez este seja o meu papel ou pelo menos um rascunho daquilo que é necessário fazer: - Instigar.

O humano é capaz de criar e recriar, tanto concretude como objetos não tangíveis o que vai levá-lo a excelência de sempre criar, reformular, renovar, reinventar e reinventar-se em um novo ilimitado de combinações e formas.

Portanto, a percepção das imagens e de toda a subjetividade que nos rodeia é permeada e permitida através da afetividade, que nada mais é, do que percepção sensível do mundo real. A sala de aula, o físico do lugar, o conjunto de artefatos na composição das *coisas* que são concretas, tudo é mundo real, mas indiferente e não finito para se processar e

> transpuser o real tangível. E neste "mundo real" o sujeito criador é *per* si sujeito e objeto da sua própria atividade criadora. (Professor Claudio Renato Moraes da Silva, 2014, novembro).

A coordenação das Escolas de Biblioteconomia da região sul, que responderam através de e-mail, demonstram professores favoráveis à atividade, por conhecerem o valor dessa ferramenta de ensino-aprendizagem, para a formação dos futuros profissionais.

6 SAÍDAS DE CAMPO DOS ALUNOS DE BIBLIOTECONOMIA DA FURG:

Não poderia terminar este trabalho sem a apresentação das Saídas de Campo realizadas pelos alunos da FURG, os quais tiveram o privilégio de participar e que por palavras deles mesmos, tiveram suas consciências do que é a profissão colocada em prática somente depois dessas atividades, muitos deles que estão nessas fotos, se decidiram a qual área irão direcionar seu aperfeiçoamento e através delas também conseguiram a ideia de qual o tema usariam para o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Foto 1: Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro – RJ (2014).(turmas variadas do curso de Biblioteconomia da FURG)

Foto 2: Biblioteca Municipal Vianna Moog - São Leopoldo – RS (2011).

Foto 3: Biblioteca da PUC – Porto Alegre-RS

Foto 4: Ritual Xamânico – São Miguel das Missões-RS

Foto 5: Oficina de Leitura – Jaguarão – RS (2013)

Foto 6: Seminário Internacional de Bibliotecas Comunitárias, Públicas e Escolares Porto Alegre – RS (2013)

Foto 7: Feira do Livro- Porto Alegre – RS. (2013)

Foto 8: Biblioteca Municipal Érico Veríssimo – Rio Grande - RS (2013).

Foto 9: Biblioteca Pública de Pelotas-RS (2013).

Foto 10: Museu de Arte do Rio – MAR – Rio de Janeiro-RJ (2014).

Foto 11: Biblioteca do Barbosa Lessa – Camaquã-RS (2012).

Foto 12: Caminho que leva à Biblioteca Barbosa Lessa “a Biblioteca que estava no mato”.

Não importa onde, o bibliotecário tem que ir em busca da informação, bibliotecário desinformado não faz jus à profissão que escolheu. E o curso tem que dar essa possibilidade ao futuro bibliotecário, tem que mostrar para ele que não é só ficar no comodismo das salas de aula, de abrir um livro ou assistir um slide, que a informação está em todos os lugares e atua em diferentes ambientes, em diferentes áreas, tomar consciência de que o curso de Biblioteconomia é interdisciplinar na sua essência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência que as atividades de saídas de campo produzem no aprendizado, pode ser evidenciada como recurso didático e essa atividade introduzida como disciplina obrigatória na grade curricular de todos os cursos, principalmente no curso de Biblioteconomia, curso que se alimenta de interdisciplinaridade, pois tal método disponibiliza potencialidades formativas que precisam ser consideradas no processo ensino-aprendizagem como uma das estratégias mais acessíveis e eficazes no que concerne a memorização.

Quem vivencia um fato, memoriza muito mais do que quem o lê ou ouve sobre ele.

Enfim, esse trabalho busca contribuir com a formação dos profissionais e expressar a relevância das atividades de Saídas de Campo como recurso didático-metodológico, no ensino-aprendizagem do curso de Biblioteconomia da FURG, procurando solidificar a compreensão em que os fundamentos científicos e tecnológicos do conhecimento acontecem de maneira articulada entre teoria e prática. Deixando aqui bem claro, que não seja confundida essa prática com qualquer tipo de estágios, os quais ajudam muito a reforçar a bagagem do futuro profissional, porém o limitam a um conhecimento muito restrito, enquanto o curso, por ser de natureza interdisciplinar, oferece áreas de atuação muito diversificadas.

O que pode acontecer, com os professores em aplicar muito pouco essas atividades em suas disciplinas, deve ser por terem pouca familiaridade com o considerável manancial teórico que existe nesta ferramenta didática.

A importância das saídas de campo se encontra exatamente na possibilidade da construção do conhecimento, através da interação com outras pessoas que estão vivenciando a prática, ou seja, um aprender diferente, longe da ideia de somente descrição. A saída de campo é uma forma estratégica de ensino aprendizagem, a qual pode vir a despertar maior interesse nas pessoas envolvidas. A realização de saídas de campo pelo curso de Biblioteconomia e também por outros cursos apresenta-se perspectivamente como uma completa e diferente forma para complementar o trabalho da sala de aula.

Essa importância se apresenta nesse trabalho através das declarações, tanto dos alunos, dos egressos, como também em unanimidade pelas Escolas entrevistadas.

Em suma, as atividades de Saída de Campo trazem à formação do profissional de Biblioteconomia a capacidade de integrar a teoria aplicada em sala de aula, com a realidade dela, colocada em prática nas mais diferentes situações, pois a área que abrange a Biblioteconomia é muito extensa, desde as Bibliotecas Escolares, Universitárias, até Centros de Cultura, Editoras, enfim, todos os lugares que fazem uso da informação.

Assim podemos verificar que os objetivos dessa atividade, atingem a aquisição e solidificação dos conhecimentos específicos, despertando o aluno para o espírito crítico e dando-lhe consciência dos espaços diversos em que pode atuar o profissional bibliotecário.

REFERÊNCIAS

BERGER, D.G.; CORREA, V.R.; SILVA, Z.Z. **O Trabalho de Campo, relato de experiência.** VIII ENDIPE. Encontro Nacional de Didática e Política de Ensino, 8 de maio de 1999.

BEZERRA, P. SMITH. P. **Trabalhando a Curiosidade Científica na Sala de Aula de Química:** Perspectivas e Possibilidades de Mudanças? In: Congresso Internacional sobre Investigación em la Didáctica de las Ciencias, 8., [2006]. ISSN 0212-4521.

COMPIANI, M. **A relevância das atividades de campo no ensino da geologia na formação de professores de ciências**. IG/UNICAMP, 1991, p. 11.

COMPIANI, M. & CARNEIRO, C.D.R. **Os papéis didáticos das excursões geológicas, ENSENANZA DE LÃS CIÊNCIAS DE LA TERRA**. 1993, N.1-2, p. 11, 90-98.

CUNHA, C. GUIMARÃES. Et al. **Ensino de técnicas de análises de minerais com ênfase na interpretação de dados:** teoria e prática na formação do geólogo. Terra e didática, v.4, 2008.
Disponível em:<www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>.

FANTINEL, L. M. **Práticas de campo em fundamentos de geologia introdutória:** papel das atividades de campo no ensino de fundamentos de geologia no curso de geografia**.** Campinas: Inst. Geociências UNICAMP. 2000. (Dissert. mestrado em Educação Aplic. Geociências).

FREIRE, Paulo. **Observação, Registro, Reflexão –** Instrumentos Metodológicos – Séries Seminários. São Paulo: PND ,1996.

FERNANDES, JOSÉ ARTUR BARROSO. **Você vê essa adaptação?** a aula de campo em ciências entre o retórico e o empírico**.** 2007. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) – Feusp, São Paulo, 2007.

LACOSTE, Y. A. **Pesquisa e o trabalho de campo:** um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos**.** São Paulo, AGB/SP, n. 11, 1-23, agosto de 1985.

MALYSZ, SANDRA TEREZINHA. **O Estudo da relação cidade-campo:** uma contribuição para a prática pedagógica da geografia no ensino. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 2009, Porto Alegre. Disponivel: <http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20%2828%29.pdf>.
Acesso em: 10 set. 2014.

MONTEIRO DE OLIVEIRA, Christian Dennys; Sousa de Assis, Raimundo Jucier. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1,

p. 195-209, 2009.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva:** processo reconstrutivo de múltiplas faces. Ciência & Informação. Bauru, SP, v. 12, n. 1, p. 123, 2006.

MOREIRA, M. A & MASINI, E. F. S. **Aprendizagem significativa:** a teoria de David Ausubel**.** São Paulo: Centauro, 2001.

MOURA, A.C.O.S. **Sensibilização:** diferentes olhares na busca dos significados. 2004, p. 101. Dissertação (Programa de pós-graduação em Educação Ambiental – Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande FURG.

PONTUSCHKA, NÍDIA NACIB. **A Formação pedagógica do professor de Geografia e as práticas interdisciplinares**. 280 f. Tese (Doutorado em Educação). FEUSP, 1984

------**. O conceito de estudo do meio transforma-se... Em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes**. In. VESENTINI, JOSÉ WILLIAM (org.). O ensino de Geografia no século XXI. Campinas: Papirus, 2004.

SENICIATO, T. & CAVASSAN,O**.** Aulas de Campo em Ambientes Naturais e Aprendizagem em Ciências – Um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**. 2004.

SUERTERGARAY, D.M.A**. O que ensinar em geografia? Física? Espaços da Escola?**, UNIJÍ Editora, v. 4, n. 19, p.9, 1996.

TRIVIÑOS, A.N.S.; **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. Editora Atlas, 1987.

VASENTINI, J. **(**org.) **O Ensino da Geografia no Século XXI.** Campinas: Papirus, p. 22, 2004.

VIVEIRO, ALESSANDRA APARECIDA**. Atividades de campo no ensino de ciências**: investigando concepções e práticas de um grupo de professores. 2006, 168p. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) - Faculdade de Ciência, Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2006.

APÊNDICE I

Perguntas dirigidas aos coordenadores das Escolas de Biblioteconomia da Região Sul (lembrando que não são perguntas propriamente ditas, apenas um direcionamento para o diálogo)

1ª - Na Grade curricular do curso existe a atividade de Saídas de Campo?

2ª – Quando ocorrem essas atividades, se ocorrem?

3ª – Em quais disciplinas estão presentes ou seria pertinente essas atividades?

4ª – Qual sua opinião sobre Saídas de Campo?

APÊNDICE II

Perguntas apenas à nível norteador, dirigidas aos egressos do Curso de Biblioteconomia da Furg de acordo com os objetivos da pesquisa

1ª – Enquanto formando, você teve a oportunidade de fazer saídas de campo?

2ª - A atividade saída de campo exerce alguma influência na sua vida profissional?

3ª - Qual a sua opinião sobre saídas de campo?

4ª – Você acha importante para a vida profissional, o curso oferecer a atividade de saídas de campo?

- Pode falar um pouco mais acerca disso?